

INTERAÇÕES NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM SALA DE AULA: o trabalho com projetos no primeiro ciclo

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes – UFMG

MORTIMER, Eduardo Fleury – UFMG

GT: Alfabetização, Leitura e Escrita/n. 10

Agência Financiadora: CNPQ/CAPES

Este trabalho discute práticas de letramento numa turma de primeiro ciclo construídas por meio da metodologia de projetos. As questões que guiam as análises são: como as interações em sala de aula são construídas quando o professor opta por trabalhar com projetos temáticos? Quais práticas de letramento são construídas nesse contexto? Como os projetos são propostos, planejados e desenvolvidos nas interações da turma?

A perspectiva teórico-metodológica que guia as análises articula referenciais dos estudos de letramento como uma prática social (Street, 1984; Kleiman, 1995; Green & Dixon, e Soares, 1998) com alguns pressupostos bakhtinianos sobre o discurso. Também são referências estudos de etnógrafos que analisam interações em sala de aula (Mehan, 1979; Collins & Green, 1992).

Para Street, o que cada sociedade considera como práticas particulares de letramento e quais os conceitos de leitura e escrita utilizados nessas práticas dependem do contexto (1984:01). Nesse sentido, pesquisas sobre letramento na escola devem considerar as especificidades dos usos da leitura e da escrita nesse contexto, influenciados pelas marcas da cultura escolar. A sala de aula, espaço de circulação e de construção de práticas de letramento, é compreendida por nós no sentido atribuído por Collins & Green (1992): um espaço “culturalmente constituído”, através dos padrões e práticas construídas pelos sujeitos participantes do processo interacional.

O discurso produzido nas interações professor-aluno pode ser compreendido como constituído pelas dimensões de autoridade e de persuasão, no sentido atribuído por Bakhtin (1981). O discurso do professor é um discurso de autoridade, assim como o discurso da

religião, a ordem militar, etc. O discurso de autoridade demanda que nós o reconheçamos, apropriando-o em bloco, sem questionamentos. O discurso internamente persuasivo, diferentemente do discurso de autoridade, afirma-se pela apropriação do discurso do outro, que é transformado e apropriado pelo interlocutor, que povoa-o com suas próprias palavras.

Metodologia

Os dados foram coletados numa turma de primeiro ciclo de uma escola municipal de Belo Horizonte. Gravamos 20 horas em vídeo no primeiro semestre de 2001. Além disso, foi feita uma entrevista com a professora para esclarecer questões advindas das gravações em vídeo relacionadas ao planejamento da prática pedagógica não perceptíveis apenas pelos dados em vídeo.

Os dados da sala de aula foram representados em mapas de eventos e seqüências discursivas. O mapa de eventos é um instrumento usado por pesquisadores da etnografia interacional (Green & Meyer:1991), definido como uma representação de um evento, um ciclo de atividades ou um segmento da história de um grupo, construída pelos sujeitos através do processo interacional. O nível de detalhe representado no mapa difere-se pela questão que está sendo analisada.

Análise

Dois tipos de análise serão apresentadas: análise dos rituais e padrões que constituem as interações nessa sala de aula e análise do discurso produzido por alunos e professora nas interações durante o planejamento e desenvolvimento do projeto da Dengue.

1. Padrões, rituais e eventos de interação na construção da cultura da sala de aula

Diferentes formas de organização das interações são construídas pelos participantes nessa sala de aula. Predominam organizações mais coletivas, como grupos, duplas e rodinhas, em detrimento de uma organização mais individualizada, com carteiras enfileiradas. O trabalho em duplas ocorre quase diariamente e é organizado por meio da divisão da turma em dois grandes grupos, de acordo com diferentes critérios. Algumas vezes os grupos são mistos (meninos e meninas), noutras eles são separados pelo gênero. As atividades propostas tanto

para as duplas quanto para os grupos são de natureza individual. Cada aluno recebe uma cópia da atividade, que deve ser realizada individualmente, conforme orientações da professora. Evidentemente ocorrem interações entre os alunos, mas as atividades não são intencionalmente propostas para serem realizadas na interação.

A rodinha ocorre semanalmente, sendo um padrão de interação bastante incorporado à cultura dessa sala de aula. Na rodinha os alunos definem e discutem os projetos a serem desenvolvidos, compartilham os textos selecionados por eles e relacionados a algum projeto, além de trocarem diferentes experiências pessoais.

Diariamente os alunos e professora constroem três eventos de interação no início das aulas. A oração coletiva no pátio da escola, com a participação de todos os alunos; a organização do espaço físico da sala de aula e o planejamento coletivo da aula, esse último descrito no segundo bloco de análises.

2. Definindo e planejando o estudo do tema dengue

O projeto Dengue foi desenvolvido durante cinco aulas. Devido aos limites deste trabalho, analisaremos aqui alguns aspectos das interações e práticas de letramento construídas na primeira aula do projeto.

O início da aula é marcado pelo “boa tarde” da professora como é o costume, após os alunos terminarem de organizar as duplas. A seguir, apresentamos o mapa de eventos da aula.

Mapa de eventos da primeira aula do Projeto Dengue – 26/03/2001

Evento	Tempo gasto em minutos	Linha de tempo¹	Ações dos participantes	Aspectos extralingüísticos Comentários da pesquisadora
Planejando a aula		1:23:22	Professora cumprimenta os alunos e os convoca a iniciarem o planejamento.	Alunos em duplas.
		1:24:10	Alunos e professora escrevem a data do dia. Iniciam a definição das atividades a serem desenvolvidas.	

¹ Neste mapa, a linha de tempo representa a hora relógio.

	4 min	1:24:22	Professora antecipa o projeto da dengue, que será discutido na rodinha.	
		1:25:59	Professora indica que o tema dengue será tratado na aula de Português e anuncia a professora Luíza como parceira no desenvolvimento do projeto.	
		1:27:28	Encerramento do planejamento da aula.	
Compartilhando experiências na rodinha		1:32:15	Professora cumprimenta novamente os alunos: “Tudo bem com vocês?”	Alunos sentados no chão. O cumprimento da professora sinaliza a natureza da conversa na rodinha, que tem como eixo o relato de experiências pessoais dos alunos.
		1:32:25	Professora retoma o que foi feito na sexta-feira: homenagem para uma professora que morreu.	
		1:32:42	Indica a aluna Jéssica para começar a contar suas novidades. Inicia-se o relato dos alunos.	
		1:33:41		
		1:33:55	A quarta aluna a falar conta sobre casos de Dengue perto de sua casa.	
		1:34:13	Professora introduz novos elementos do projeto dengue, indicando algumas atividades que serão desenvolvidas.	
		1:34:18	A aluna seguinte diz não ter nada a relatar.	
		1:35:32	Luana fala que trouxe uma reportagem de jornal sobre as drogas (um projeto em andamento na turma). A professora lê em voz alta a manchete da reportagem.	
		1:36:59		
		1:40:14	Gustavo conta sobre um presente que ganhou e sobre um problema no trânsito da sua rua.	
		1:45:48	Um aluno comenta sobre roubo de	

	13min	2:10: 11	Alunos fazem leitura oral do planejamento.	
		2:11: 00	Professora pede aos alunos que tragam informações sobre a dengue para compartilharem com os colegas na rodinha no dia seguinte.	
Lendo e cantando o <i>rap</i> da dengue		2:12: 36	Professora fala e canta o <i>rap</i> .	Professora de frente para a turma.
		2:13: 41	Leitura silenciosa e em dupla do <i>rap</i> da dengue proposto pela professora.	
		2:16: 42	Professora lê cada frase, que é repetida pelos alunos.	
	12min	2:18: 38	Todos cantam o <i>rap</i> .	
		2:24: 04	Final da atividade de canto.	

O mapa de eventos acima evidencia, dentre outras coisas, o objetivo da professora de propor o tema dengue como o próximo projeto a ser desenvolvido pelo grupo, em paralelo ao projeto das drogas, como indica a ação de uma aluna em 1:34:18, ao trazer uma reportagem de jornal sobre esse último assunto. A escolha do tema da dengue evidencia a importância que a professora dá ao trabalho com temas da conjuntura, nesse caso não apenas local mas nacional. Tal orientação está presente na proposta de trabalho por projetos da Escola Plural implementada em Belo Horizonte a partir de 1995.

O papel do projeto no desenvolvimento do currículo varia bastante. No caso do projeto dengue, a professora anuncia que ele será desenvolvido na aula de português. Essa postura evidencia uma apropriação diferente daquela esperada pela proposta da Escola Plural, em que se pressupõe que o desenvolvimento do projeto, necessariamente, envolveria mais de uma disciplina do currículo escolar. O estudo por projetos possibilitaria ao aluno “analisar os problemas, as situações e os acontecimentos dentro de um contexto em sua globalidade, utilizando, para isso, os conhecimentos presentes nas disciplinas e sua experiência sócio-cultural” (SMED, 1996:10).

Após o planejamento da aula, os alunos assentam-se na rodinha e iniciam o relato de experiências vivenciadas naquele fim de semana. Ao demandar da aluna Jéssica o relato das novidades, a professora explicita as expectativas construídas nesse espaço de interação, em que se prioriza o relato de experiências pessoais. Depois de a professora anunciar o tema dengue como o próximo a ser estudado, alguns alunos relatam situações de experiências pessoais relacionadas a esse tema, como se observa no relato da aluna em 1:33: 41.

A prática de compartilhar textos lidos fora da escola é constitutiva das práticas de letramento na rodinha. Luana e Loice levaram reportagens relacionadas ao projeto em andamento (sobre drogas) e ao tema dengue. Essa prática de letramento evidencia o lugar que os textos levados pelos alunos ocupam no desenvolvimento das atividades da turma. Geralmente, esses textos são tratados brevemente pela professora na rodinha, por vezes lidos oralmente por ela própria, às vezes apresentados aos alunos sem que ocorra a leitura. Não constatamos uma leitura e reflexão sistemática desses textos em momentos posteriores à rodinha.

Após vinte minutos de conversa na rodinha (em 1:51: 52), a professora anuncia que chegara o momento de conversar sobre a dengue. A conversa em torno dessa temática ocupa os cinco minutos restantes desse evento e é encerrada com uma síntese da professora, indicando fontes de informação possíveis de serem consultadas pelos alunos para o desenvolvimento do projeto.

O planejamento do projeto conta com a participação dos alunos, não na definição da estrutura do projeto, mas na discussão de cada uma das fases previstas pela professora. Foram gastos treze minutos na construção do planejamento, que se constituiu das seguintes fases: definição do que a turma já sabe sobre o tema; definição do que gostariam de saber; e, por último, definição de como irão aprender sobre o assunto, com a indicação de quais fontes deverão ser consultadas nesse processo.

O último evento da aula foi a realização da primeira atividade do projeto: leitura e canto de uma música (*rap*) sobre o tema dengue, criada pela Secretaria Municipal de Contagem-MG, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. A seguir, analisamos seqüências

discursivas que evidenciam como o projeto da dengue foi construído nas interações em sala de aula.

2.1. Propondo o tema Dengue

A professora inicia o planejamento da aula discutindo a data, como é o costume da turma. Depois de os alunos copiarem a data, ela registra o primeiro tópico do planejamento, a oração coletiva, realizada no pátio da escola. Em seguida, como se observa no quadro abaixo, a professora antecipa a proposta de estudo do tema dengue.

“Nós estamos aqui com uma proposta de falar sobre a dengue”.

Turnos	Participantes	Discurso	Aspectos extralingüísticos/ comentários da pesquisadora
21	Professora	Então vamos lá. Oração nós já fizemos! E depois?	Alunos em duplas, copiando individualmente o planejamento.
22	Alunos	Rodinha.	
23	Professora	Rodinha. Oh gente, oh. Por falar em rodinha, nós estamos aqui com uma proposta de falar sobre a dengue. Vocês já ouviram falar da dengue?	
24	Aluno	Eu já!	
25	Professora	É... Nós trouxemos aqui o <i>rap</i> da dengue, uma música que vai (incompreensível).	
26	Aluno	Professora (incompreensível) da dengue.	
27	Professora	Pois é, então nós vamos estar discutindo isso no recreio, no recreio não, na rodinha. Então quem tiver algum assunto, em jornais, revistas, principalmente no jornal de ontem, Estado de Minas, o pai que assina, alguém que tem facilidade de trazer isso pra gente . Saiu uma reportagem, viu, sobre a febre amarela e sobre o mosquito...	

28	Alunos	da dengue.	
29	Professor	Então nós vamos estar passando aqui hoje depois da rodinha o <i>rap</i> do mosquito. E depois? O que nós vamos fazer?	
30	Aluno	Matemática.	
31	Professor	Olha, dentro de Português, depois que a gente fizer o comentário sobre esse <i>rap</i> , discutir um pouquinho sobre o assunto, a gente poderia tá pensando o que é que vocês gostariam de tá aprendendo sobre a dengue, tá? Nós vamos fazer um planejamento do que vocês já sabem sobre a dengue e o que vocês gostariam de tá aprendendo e como nós vamos aprender. Correto? Pode colocar aqui no planejamento?	
32	Alunos	Podem!	

Essa seqüência evidencia a forma como o tema da dengue foi proposto pela professora como objeto de estudo. A negociação do tema ocorre do ponto de vista da professora, que, ao que parece, já tem a estrutura do planejamento previamente definida. Entretanto, ela busca a implicação dos alunos por meio do uso do pronome **nós** e da expressão pronominal **a gente**, que parece inclusivo, na medida em que ela se inclui no processo como alguém que também vai aprender algo sobre o tema.

A aula de português aparece como o lugar onde o projeto vai ser desenvolvido, como se observa no turno 31. Nesse turno a professora sintetiza e direciona a aula, apontando sua perspectiva para a elaboração e a realização do estudo sobre a dengue. Conforme também constatado por Mehan (1979), esse tipo de iniciação, de caráter diretivo e informativo, ocorre no início e ao final dos eventos de interação. Ainda nessa seqüência, a professora antecipa a estrutura do projeto, que inclui os conhecimentos que os alunos já têm sobre o tema, o que gostariam de aprender, e as possíveis fontes e/ou impressos que podem ser utilizados pelos alunos durante o estudo do tema (turno 27).

As análises acima evidenciam que a professora teve por objetivo direcionar e encaminhar a aula para as decisões sobre o planejamento do projeto da dengue. Ela inicia todos os turnos

de fala e suas perguntas buscam compartilhar com os alunos a agenda de trabalho, não apenas para aquela aula, mas para o desenvolvimento do projeto como um todo. Ao que parece, a agenda foi definida previamente e, nesse sentido, a professora tem o controle sobre o processo de explicitação. O espaço de participação dos alunos limita-se à indicação de itens do planejamento, que são quase sempre os mesmos. As respostas dos alunos confirmaram as expectativas da professora, não gerando, portanto, contradições entre o que a professora propôs e o que os alunos compreenderam de sua proposta. Parece que o grupo aderiu à proposta sem maiores questionamentos, o que evidencia a dimensão de autoridade do discurso da professora, presente nos momentos em que ela orienta, direciona e encaminha suas propostas de atividades na sala de aula. Na próxima seqüência, podemos observar como os alunos discutiram o tema da dengue na rodinha. A seqüência evidencia o esforço da professora em manter o tema da dengue como referência para a conversa.

A temática da dengue é retomada posteriormente pela professora, após vários alunos terem relatado diferentes tipos de experiências na rodinha, em que eles falam sobre drogas, violência, alcoolismo, roubo, problemas no trânsito, presentes que ganharam, textos que estão lendo, etc.

“Gente, não vamos perder nosso assunto não”.

Turnos	Participantes	Discurso	Aspectos extralingüísticos/Comentários da pesquisadora
94	Professora	Oh gente, agora olha aqui. Sobre o tema que a gente vai tá discutindo, né que é a dengue, alguém sabe falar alguma coisa, já ouviu falar sobre a dengue, sobre a febre amarela, quem já vacinou, quem não vacinou? Quem já vacinou levante a mão.	
95	Alunos		Alunos levantam a mão.
96	Professora	E quem não vacinou ainda, heim, Vinicius, contra a febre amarela? Vacinou não Vinicius? Oh gente, é muito perigoso, tem que vacinar viu?	Vinicius não havia levantado a mão.
97	Alunos		Muitos alunos levantam a mão pra

			falar.
98	Professora	Pode falar, Priscila.	
99	Priscila	(Incompreensível).	Muita conversa paralela.
100	Professora	Oh gente, só um minutinho aqui oh, oh, Priscila quer falar! Priscila.	
101	Priscila	(Incompreensível).	
102	Professora	Nós já tivemos vários casos de morte tá? Comprovaram que morreu por falta da vacina, não tomou e teve a febre amarela. Fala, Gabriela.	
103	Gabriela	O namorado da filha da amiga da minha mãe aí lá tava na piscina da casa dele aí ele foi assaltado, o ladrão foi e roubou o carro dele.	
104	Professora	Mas agora a gente tá falando sobre a dengue, né Gabriela? Se você tiver alguma coisa pra falar pra gente. Mais alguma coisa sobre o mosquito da dengue? Quem puder trazer pra gente, tá, alguma coisa, pode começar a partir de amanhã. Tá?	
105	Loice	(Incompreensível)	Loice volta ao assunto do roubo no supermercado.
106	Professora	Gente, não vamos perder nosso assunto não. Agora é da dengue, do mosquito da dengue. Amanhã a gente conversa outros assuntos na rodinha, senão não vai dar tempo. Olha o planejamento. Luana.	
107	Luana	Oh, professora, lá na casa da minha vó, sempre que eu vou lá eu molho as plantas e tiro a água do vaso. Eu achei um mosquito da dengue.	
108	Professora	Tá jóia. Mais alguma coisa gente?	
109	Aluno	É...	Com a mão levantada.
110	Professora	É sobre a dengue?	
111	Aluno	É.	

112	Professora	Pode falar.	
113	Aluno	Professora, eu vi na televisão que todos os (incompreensível) todas as crianças que tinha pneu, garrafa, tavam jogando na rua assim, eles ganhavam alguma coisa.	
114	Professora	Fazendo a limpeza, né?	
115	Aluno	E aí eles davam um pacotinho de (incompreensível), ganhavam bicicleta pra eles brincar.	
116	Professora	Olha aqui, gente. Vocês vão ficar atentos então pro seguinte: quem tiver assim algum folheto falando sobre a dengue, uma reportagem, alguma notícia, até mesmo em posto de saúde tem gente que tá doando né, o mosquitinho no liquido, né, o ovo da dengue, prá tá trazendo na rodinha pra gente discutir esse assunto. Nós vamos tá planejando o que vocês gostariam de tá aprendendo sobre a dengue, a febre amarela, depois nós vamos aprender o <i>rap</i> da dengue, tá bom? Então vamos sentar.	

Essa seqüência evidencia as tentativas da professora de retomar a discussão sobre a dengue, após os alunos terem compartilhado diferentes experiências. Usando de um discurso de autoridade (Bakhtin, 1981), ela direciona a discussão não permitindo que Gabriela, no turno 103 e Loice, no turno 105, introduzam outros assuntos. O fato de as alunas não terem correspondido às expectativas da professora, gerou iniciações da professora denominados por Mehan (1979) como “atos de continuação”, que têm por objetivo manterem a conversa dentro do tema planejado. Em vários turnos a professora retoma o tema dengue (turnos 94, 104, 106 e 116), seja para prevenir que os alunos mudem o foco, seja para dar prosseguimento ao planejamento do projeto. No turno 110, a professora checa o tópico discursivo dos alunos que querem falar, antes de autorizar suas falas, para evitar a dispersão temática. Essa parece ser a principal característica dessa seqüência, na qual o planejamento do projeto ocorre na rodinha. Nesse espaço, normalmente os alunos são convidados a falar sobre temas livres, relatando aspectos de sua experiência pessoal. Talvez pelo fato de o

planejamento do projeto ter sido introduzido nesse espaço, a professora tenha tido todo esse trabalho para manter o tema.

Esse aspecto reflete-se também na forma como o padrão IRA acontece em alguns momentos dessa seqüência. As avaliações da professora são para confirmar a fala do aluno quando dentro do tema (por exemplo, turno 108) ou para retomar o tema se o aluno introduz um tema diferente (por exemplo, turno 104: “Mas agora **a gente** tá falando sobre a dengue, né Gabriela?”). As falas dos alunos, desde que dentro do tema, são aceitas, mas seu conteúdo não é problematizado. Mais uma vez, a agenda predefinida que está sendo explicitada, estrutura a conversa. A referência ao uso do tempo, na atividade, está relacionada à necessidade de se fazer o planejamento do projeto dentro de um tempo previsto pelo planejamento da aula, como se observa no turno 106.

Poucos alunos narraram sobre a dengue e isso pode estar relacionado à mudança da dinâmica das interações na rodinha, onde geralmente cada aluno é convocado pela professora a fazer seu relato sobre temas livres, o que não ocorre com nessa discussão. A professora, ao contrário, pergunta se “alguém sabe falar alguma coisa, já ouviu falar sobre a dengue” (turno 94), deixando que os alunos escolham se querem ou não participar. Entendemos que essa alteração é o reflexo da pressão que o tempo escolar exerce sobre a dinâmica discursiva na sala de aula, condicionando as possibilidades de diálogo e interação entre os participantes, definindo, portanto, a forma como o currículo em ação é construído pelos sujeitos alunos e professora.

A dinâmica interativa na rodinha é encerrada pela professora, que anuncia o próximo evento de interação – o planejamento do projeto, sintetizando as diferentes etapas desse processo, como veremos a seguir. Essa síntese caracteriza o discurso da professora no início e ao final de um evento de interação, como um discurso de autoridade que evidencia o lugar social que ela ocupa na sala de aula. É o professor quem estabelece e conduz o processo de ensino, mediando e apontando a perspectiva da aula, ainda que busque envolver os alunos nessa atividade.

2.3. Sistematizando o planejamento do projeto Dengue

Nesta análise buscamos evidenciar como o planejamento do projeto foi sistematizado pela turma, tratando esse momento como um evento de letramento que é construído sempre que

um novo projeto tem início. Os projetos desenvolvidos são negociados oralmente ao mesmo tempo em que o resultado do planejamento é escrito no quadro pela professora.

“Olha aqui, gente. Eu dividi o quadro em três partes”

Turnos	Participantes	Discurso	Aspectos extralingüísticos/Comentários da pesquisadora
01	Professora	Amanhã nós vamos sair procurando o foco da dengue na escola. Psiu! Turminha, vamos (...) prestar atenção! Loice! Gustavo! Olha aqui, gente. Eu dividi o quadro em três partes. A primeira parte eu quero saber sobre o que vocês já sabem sobre esse mosquito aí. Alguém sabe o nome dele?	Enquanto os alunos voltam para suas mesas.
02	Alunos	Sei: mosquito da dengue.	
03	Professora	Não, mas tem um nome: Aedis ...	
04	Alunos	Egipsy.	
05	Professora	Então vocês já conhecem, né, já ouviram falar. Então, gente, vocês vão tá falando pra mim o que vocês sabem da dengue. O segundo quadro vocês vão falar o que vocês gostariam de aprender e saber sobre a doença da febre amarela, da dengue, tá? E o último, a gente vai tá pesquisando aonde nós vamos buscar essas informações. Através de que nós vamos tá aprendendo sobre a dengue. Então vamos lá. O que sabemos sobre a dengue.	Os alunos repetem junto com a professora, enquanto ela registra no quadro o título da primeira coluna.
06	Aluna	Tia é pra escrever?	
07	Professora	Não, por enquanto, não. Porque depois eu corrijo (incompreensível). Oh, gente, psiu! Depois, que que vai acontecer aqui no segundo quadro?	
08	Aluno	(incompreensível).	
09	Professora	Primeiro, o que sabemos, segundo, o que gostaria de aprender. Isso mesmo. Então, como que fica? Me ajudem a elaborar. O que ...	
10	Alunos	Gostaria	

11	Professora e alunos	Mos	
12	Professora	De saber sobre o quê?	
13	Alunos	Sobre a dengue.	
14	Professora	Sobre a dengue, sobre a febre amarela, né? Põe dengue ou febre amarela?	
15	Alunos	Dengue, febre amarela.	Falam simultaneamente.
16	Professora	Vou por dengue, então. E o outro, o que que nós vamos escrever aqui? Como vamos aprender. Aonde a gente vai tá buscando essas informações, através de que?	
17	Aluno	Revista.	
18	Professora	Será que é só através da revista que nós vamos saber?	
19	Alunos	Jornal, televisão, rádio.	
20	Professora	Como que fica? Como nós vamos ...	
21	Alunos	Aprender.	
22	Professora	Aprender, isso mesmo. Então agora eu quero ouvir de vocês. O que que vocês já sabem sobre a dengue? Que vocês sabem? Que que é dengue?	
23	Alunos	(Incompreensível)	Alunos respondem simultaneamente.
24	Professora	Um de cada vez. Que você já sabe sobre a dengue? Luana.	

Essa seqüência reflete o processo de construção sistemática da estrutura do planejamento do projeto da Dengue. As três partes da estrutura do projeto – o que já sabem sobre a dengue, o que gostariam de saber e como vão buscar informações – foram previamente definidas pela professora, mas ela tenta implicar os alunos na sistematização escrita do projeto. Essas etapas refletem a organização do trabalho com projetos proposta nos cadernos da Escola Plural.

O uso do pronome **nós** e da expressão pronominal **a gente**, como estratégia discursiva, ocorre nos momentos em que a professora explicita estratégias de busca de informação para a realização do projeto. Ela busca, com isso, envolver o grupo, e essa perspectiva enunciativa vem sendo mantida desde o início da aula. Desse modo ela minimiza a assimetria constitutiva da relação professor-aluno, incluindo-se no processo como alguém que, juntamente com o grupo, vai estar buscando informações sobre o tema. Outra estratégia discursiva é o uso do **vocês/você**, que ocorre nos momentos em que os alunos são convidados a explicitar os conhecimentos que têm sobre o assunto, como base para o planejamento daquilo que gostariam de aprender. Nesse caso, a assimetria é marcante, pois quem tem que explicitar o que já sabe são os alunos e não a professora que, dessa forma, se diferencia dos alunos como alguém que detém o conhecimento. A professora dá voz aos alunos sem deixar de assumir o papel de professor, socialmente estabelecido, que é de mediar o processo, direcionando-o de acordo com suas intencionalidades. O uso da primeira pessoa do singular (t.07) vem confirmar essa assimetria constitutiva das relações professor-aluno, pois quem corrige o texto e quem quer ouvir o que os alunos já sabem sobre a dengue é a professora.

As práticas de letramento são construídas nesse diálogo entre professora e alunos, onde a professora media o processo de construção conjunta de um texto escrito – o planejamento do projeto – texto esse característico dos gêneros tipicamente escolares. A expectativa do grupo e da professora é de que ali se realize um processo coletivo de escrita, que será revisto/reescrito antes de cada um copiar o texto, como se constata nos turnos 6 e 7, quando a professora responde à aluna que não é hora de copiar, porque depois será corrigido por ela.

O padrão IRA (Mehan, 1979), comumente associado ao discurso de autoridade do professor, aparece com algumas variações nesta seqüência. As duas primeiras tríades, correspondentes aos turnos 01 a 03 e 03 a 05, são típicas de situações escolares em que os conceitos são o foco do ensino. As tríades seguintes aparecem relacionadas ao conteúdo do planejamento e a escrita do mesmo. Nesse sentido, o que é avaliado agora não são conceitos, mas, por exemplo, fontes de informação (t.18). Com isso, os objetos em negociação na dinâmica discursiva da aula não são apenas os conteúdos conceituais, mas também, as formas de aprender. Isso pode estar relacionado à opção pelo trabalho com

projetos, que pressupõe uma participação ativa do aluno, o que implica na explicitação clara da agenda e na negociação permanente das formas de participação. A seqüência abaixo evidencia como a professora busca dialogar com os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema.

“Mais o que vocês sabem sobre a dengue e o que gostariam de aprender sobre a dengue?”

Turnos	Participantes	Discurso	Aspectos extralingüísticos Comentários da pesquisadora
31	Professora	Bom, então o que que nós sabemos? Que a febre amarela mata, e o que que pode acontecer pra não morrer?	Professora retoma as falas de alunos que se posicionaram anteriormente.
32	Gustavo	O professora!	Muitos alunos com a mão levantada, respondendo ao mesmo tempo.
33	Professora	Que que tem que ser feito?	
34	Alunos	Tem que vacinar.	
35	Professora	A vacina, né? Isso mesmo. Gabriela falou que a água parada transmite a dengue. Mais o que que vocês já sabem de concreto sobre a dengue?	
36	Aluna	Professora, quando chove a água entra na garrafa e aí (incompreensível).	
37	Professora	Ah, então tá, a água parada no geral, ou na garrafa, ou caixa d'água destampada. Mais o que?	
38	Aluno	Pneu.	
39	Professora	Pneu, nada com água, tampinha. Depois nós vamos fazer visita na escola pra ver se tem foco da dengue na escola. Mais o que?	
40	Gustavo	Professora, também eles gostam de água limpa, não gostam de água suja não.	
41	Professora	É verdade, gente?	

42	Alunos	É.	
43	Professora	Ele só gosta de água limpa?	
44	Alunos	Não, água suja.	
45	Professora	Então é uma coisa que a gente poderia estar sabendo: se ele gosta de água limpa ou suja, onde vive, tá? Seria legal a gente ficar sabendo se o mosquito da dengue prefere água limpa ou água suja? Ou água parada ou água corrente? É legal ou não, gente?	
46	Alunos	É.	Em coro.
47	Professora	Então vamos colocar assim: água parada ou corrente, ou limpa, você falou, né? Gente, mais o que que vocês já sabem sobre a dengue? Loice, você já ouviu falar sobre a dengue, Loice?	Professora escreve no quadro o que gostaríamos de saber. Loice é a única aluna da turma que ainda não está alfabetizada.
48	Rafael	Ô professora, (incompreensível) ele chega a botar trezentos e cinquenta ovos na água.	
49	Professora	Ah, então ele vem de ovos, né gente? Quem gostaria de tá conhecendo sobre o ovo do mosquito? Seria interessante?	
50	Alunos		Vários alunos levantam a mão.
51	Professora	Então poderíamos colocar nesse quadro aqui oh, o que gostaríamos de aprender sobre a dengue. O Rafael falou que são quantos ovos?	
52	Alunos	300.	
53	Professora	Que o mosquitinho coloca? Nós poderíamos pesquisar isso então, conhecer o ovo da dengue.	
54	Rafael	É 350, professora.	A professora ignora a correção de Rafael.
55	Professora	E saber quando cada mosquito consegue (+).	
56	Rafael	É 350.	A professora não

			escuta o aluno.
57	Professora	Mais o que vocês sabem sobre a dengue e o que gostariam de aprender sobre a dengue? Vocês têm alguma curiosidade, o que que vocês gostariam de tá aprendendo aqui na sala sobre a dengue? Vocês podem perguntar pro papai, pra mamãe, pro vizinho. O que vocês gostariam de aprender sobre a dengue? Rafael achou interessante de tá pesquisando o ovo.	
58	Gustavo	Como é que ele é.	
59	Professora	Quantos ovos. Como que é o mosquito da dengue? Vocês acham interessante conhecer o mosquito?	A professora fala para Gustavo.
60	Alunos	Achamos.	
61	Professora	Quem mora perto de algum posto de saúde aí, gente eles estão emprestando os vidrinhos (+)?	
62	Alunos	Eu moro.	Vários alunos com a mão levantada.
63	Professora	Então tá. Conhecer o mosquito.	Escreve no quadro.
64	Gustavo	Ô professora.	Ela não escuta.
65	Professora	Qual que é o nome dele?	
66	Alunos		Não respondem.
67	Professora	Qual que é o nome do mosquito da dengue, gente?	
68	Alunos	Aedes Aegypti.	
69	Aluna		Levanta a mão.
70	Professora	Pode falar. Aedis Aegypti, isso mesmo. Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de tá aprendendo, gente sobre a dengue? Só conhecer os ovos, conhecer o mosquito, saber quantos ovos coloca, se vive na água limpa, suja ou parada, heim, Loice?	
71	Rafael	Oh professora, quando é que nasceu o primeiro mosquito da dengue?	

72	Professora	Quando é que nasceu o primeiro mosquito da dengue. Vamos colocar, a gente vai tá buscando isso, então. Como surgiu o primeiro mosquito?	Escrevendo no quadro.
73	Alunos	É.	
74	Professora	Alguém já pegou dengue aqui na sala, gente?	
75	Alunos	Eu não.	
76	Rafael	Deus me livre, professora.	

Essa seqüência mostra como a professora interage com os alunos para desenvolver duas fases previstas no projeto da dengue: o que já sabemos sobre a dengue e o que gostaríamos de saber. Nota-se que a professora desenvolve as duas fases simultaneamente, o que evidencia uma apropriação não linear da proposta pedagógica de projetos. Com exceção de algumas interações como os alunos, que se caracterizam como seqüências triádicas do tipo IRA (turno 33 a 35, e 67 a 70), no restante das interações a professora contempla as falas dos alunos e não as avalia no sentido de restringir os significados. Isso gera cadeias de interação (Mortimer e Scott, 2003) que são concluídas pela professora, não por avaliações que restringem os significados, mas pela elaboração da questão que fará parte do projeto. Por exemplo, no turno 45, diante das contribuições contraditórias dos alunos em relação ao tipo de água onde o mosquito se desenvolve (suja ou limpa), no lugar de optar por uma dessas possibilidades, a professora aproveita a oportunidade para transformar essa dúvida numa pergunta a ser respondida no desenvolvimento do projeto. O mesmo ocorre em relação à contribuição de Rafael, no turno 48, sobre o número de ovos que cada mosquito bota. Ao retomar essa contribuição, a professora ignora a insistência de Rafael de que são 350 ovos e não 300, como os outros alunos responderam. A professora ignora essa polêmica, pois o mais importante não é restringir esse significado, mas manter a dinâmica discursiva no sentido de explicitar a pergunta a ser feita, nesse caso “conhecer o ovo da dengue” (turno 53) e saber quantos ovos cada mosquito consegue botar (turno 55). Dessa forma, a professora é capaz de explicitar todas as questões que orientarão o desenvolvimento do projeto, a partir das contribuições dos alunos. Aparentemente, as questões que foram listadas são aquelas que ela havia planejado. Há aqui um aspecto

interessante da tensão entre o discurso de autoridade e o discurso internamente persuasivo (Bakhtin, 1981), que caracteriza o discurso da sala de aula. Aparentemente, há uma clara predominância do discurso internamente persuasivo, pois vários pontos de vista diferenciados oferecidos pelos alunos são considerados na elaboração do planejamento. No entanto, a professora tem um controle sobre essa dinâmica discursiva, o que é evidenciado na forma como ela retoma contribuições anteriores dos alunos para estruturar as perguntas que serão objeto do projeto. No turno 35, por exemplo, ela retoma uma contribuição anterior da Gabriela para introduzir o tema “água parada”, o que vai resultar numa série de interações com os alunos, que é concluída no turno 45 com a intervenção da professora: “Seria legal a gente ficar sabendo se o mosquito da dengue prefere água limpa ou água suja? Ou água parada ou água corrente?” A atitude responsiva (Bakhtin, 1981) que caracteriza o discurso da professora propicia intervenções dos alunos por meio de enunciados completos (por exemplo, turnos 40, 48, 71) e possibilita que diferentes vozes circulem na sala de aula: a voz da mídia, da experiência cotidiana dos alunos, do conhecimento escolar e dos órgãos de saúde pública.

Nos parece que é a intenção da professora, de explicitar a partir dos alunos as questões que guiarão o projeto sobre a dengue, que propicia essa dinâmica discursiva, em que predominam perguntas elicitativas por parte da professora e em que as respostas dos alunos são quase todas contempladas. O uso dos pronomes **nós** ou da expressão com função pronominal **a gente**, alternado com o uso do pronome **vocês** para elicitar o conhecimento dos alunos, é compatível com essa intenção da professora.

Considerações finais

Foi possível observar, a partir das análises dos dados em vídeo, diferentes aspectos que constituem as interações e práticas de letramento nessa sala de aula. Por exemplo, os alunos tiveram a oportunidade de elaborar relatos sobre suas experiências pessoais com o tema e sobre suas observações do espaço físico da escola, durante a procura de focos da doença; e, ainda, puderam identificar e lidar com diferentes fontes de informações que trataram do assunto, como, por exemplo, textos de campanhas publicitárias produzidas pelos órgãos oficiais que cuidam da saúde pública, textos da mídia, etc. (Macedo, 2004).

Pode-se perceber que a professora usa diferentes estratégias discursivas. Suas intervenções possibilitaram a construção de uma dinâmica discursiva “aberta”, que não teve por objetivo restringir os significados daquilo que os alunos relataram nas aulas. Nesse sentido, diferentes pontos de vista e diferentes vozes circularam, constituindo a dinâmica discursiva das aulas.

A maior parte do conhecimento tratado na sala de aula restringia-se a relatos e descrições de situações observadas que representam riscos para a proliferação da doença, seus sintomas, etc. Nesse sentido, houve a preocupação não só com o conhecimento sobre o assunto, mas também com a instrumentalização para ações efetivas de prevenção da doença, que incluíram uma visita à escola na busca de focos e providências relacionadas a essa visita. No entanto, a ausência de textos explicativos, por exemplo, sobre o ciclo da doença, sobre a reprodução do mosquito, etc., contribuíram para que o conhecimento final dos alunos não se diferenciasse muito do inicial e para que estratégias discursivas argumentativas não circulassem nas aulas. Nos perguntamos porque um projeto sobre a dengue ficou restrito à aula de Português e não foi compartilhado, por exemplo, com a disciplina Ciências, o que talvez possibilitasse a circulação de outros textos e um maior ganho em termos de aprendizagem.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. (1981). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press.
- BELO HORIZONTE. (1996). Secretaria Municipal de Educação. *Programa Escola Plural. Os Projetos de Trabalho*. Belo Horizonte.
- COLINS, E. & GREEN, J. (1992). Learning in classroom settings: making or breaking a culture. In: MARSHALL, H. (ed.). *Redefining student learning: roots of educational restructuring*. Norwood, Nj: Ablex. pp . 59-85.
- GREEN, J. & DIXON, C. (1994). The social construction of classroom life. *International encyclopedia of English and the Language Arts*, Vol. 2. pp. 1075-1078. New York: A. Purves.
- MACEDO, M.S.A.N. (2004). Interações e práticas de letramento em sala de aula: o uso do livro didático e da metodologia de projetos. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, UFMG.
- MEHAN, H. (1979). *Learning lessons: the social organization of the classroom*. Cambridge: Harvard University Press.

MORTIMER, E.F. e SCOTT, P.H. (2003) *Meaning making in secondary science classrooms*. Maidenhead: Open university Press/McGraw-Hill.

STREET, B. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.